

Resenha: Narrativas místicas: antologia de textos místicos da história do cristianismo, Maria Clara Bingemer & Marcus Reis Pinheiro (orgs.). São Paulo: Paulus, 2016, 442 pp.

Daniel Rodrigues Placido

Universidade de São Paulo

Email: danielrplacido@yahoo.com.br

Esta obra antológica apareceu em uma ocasião oportuna pois, como lembra o professor Eduardo Losso no prefácio, ainda é grande entre nós a lacuna de traduções diretas de obras clássicas da mística (p. 22). Ela serve tanto ao especialista quanto ao leitor não-especializado no assunto, ao oferecer uma visão panorâmica e pluralista da história da mística cristã, em suas diversas vertentes, abordagens e contornos. Além disso, pode inspirar a realização de novas traduções, parciais ou integrais.

Como é evidente, toda antologia é sempre um recorte dentro de um conjunto mais amplo de possibilidades; diversos nomes forçosamente não serão incluídos, seja por limitações de espaço, seja pelas “afinidades eletivas” dos selecionadores. Na apresentação, os organizadores informam que a base para redigir os perfis dos autores e selecionar os textos foi o trabalho do grupo interdisciplinar “Apofatike” (pp. 7-8). Por sua vez, o autor do prefácio diz que, e isto é confirmado na leitura da obra, “*este livro é de fato um seleção representativa dos místicos cristãos mais importantes ao longo do tempo*” (p. 23).

O livro é organizado de forma cronológica: Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Século XX. Em geral excertos e capítulos específicos selecionados, os textos são acompanhados por uma breve apresentação, um perfil histórico-biográfico do autor e uma bibliografia de apoio, além de, quando necessário, notas explicativas, mas sem o peso do comentário sistemático, pois a ideia subjacente é a de que cada místico *fale por si mesmo*, através de seus textos.

Consoante a linha temporal ocidental, a obra começa com os místicos da Antiguidade cristã. Aqui temos desde interpretações místico-alegóricas do texto bíblico (Gregório de Nissa) até as sutilezas espirituais da vida ascética do monge (Evrágio Pôntico), passando pelas considerações filosóficas, com ressonâncias platônicas, sobre a

alma, as experiências místicas e a exegese dos salmos (Santo Agostinho), para atingir as alturas metafísicas das vias catafática, apofática e mística (Pseudo-Dionísio).

O tema do amor entre a alma e a divindade (Bernardo de Claraval), erotismo místico que conduz o sujeito até a aniquilação (Marguerite Porete) ou desprendimento (Mestre Eckhart), no paradoxo *de não ser nada para ser tudo em Deus*, introduz-nos no mundo da mística cristã medieval. Os limites da razão especulativa também são ultrapassados pela teologia mística (Nicolau de Cusa), ou, quem sabe de vislumbre, no mistério da divinização através do Santo Sacramento (Tauler). Nostalgia de sua origem divina, tanto a natureza decaída quanto a alma pródiga só podem encontrar a regeneração através de Cristo (Jacob Boehme). Um detalhe aqui deve ser observado: por mais que as divisões de períodos utilizadas pela historiografia sejam relativas e discutíveis, contudo, Boehme não pode ser considerado um autor medieval, seja pela cronologia de sua obra, a qual foi escrita no século XVII, inclusive sob influência luterana, seja pelo conteúdo de seu pensamento, inegavelmente *moderno*, como afirmou uma vez Berdiaev.

A seção sobre a Idade moderna inicia com o êxtase amoroso da poesia de Teresa de Ávila e São João da Cruz, a revelar o estado de sofrimento da alma humana na ausência do Amado (Deus), e termina com uma sensação inegável de agonia, com a meditação sobre a consciência moderna da distância entre o homem e a Infinitude divina, sem perder, contudo, a esperança (Pascal). Neste ínterim, o aspecto poético é ainda enriquecido por Angelus Silesius, escritor alemão influenciado por Eckhart e Boehme, entre outros, cujos dísticos com frequência parecem “koans” escritos em forma cristã e barroca. Ainda na Alemanha, acompanhamos o corajoso reformador da Igreja (Lutero) a escrever tanto sobre os salmos e a oração quanto sobre uma teologia místico-dialética, e, a partir de um universo religioso muito distinto, encontramos Santo Inácio de Loyola a recompor seu percurso singular, para trazer a lume uma faceta mística presente em anotações pessoais acerca de sentimentos e dons espirituais.

Por último, o “breve século XX”. Apesar de marcado por conflitos políticos, militares e ideológicos, além das inovações tecnológicas e culturais, manteve-se em uma época visceralmente secular uma abertura considerável para a experiência espiritual, que, inabalável em sua orientação para Deus, resplandece até mesmo nos limites da tragédia pessoal (Bonhoeffer, Cristian Chergé), ou toma a forma imanente do humanismo (A. Schweitzer) e do engajamento político (Ernesto Cardenal), sem falar do diálogo insólito

com a contracultura (Thomas Merton). Tudo isso sem deixar de integrar filosoficamente a experiência inefável do encontro transfigurador com Cristo (Simone Weil, Edith Stein).